

## Eneida entrevista Dalcídio

Eneida de Moraes

\* Transcrição da entrevista publicada no jornal Folha do Norte em 23/10/60

*Depois de algum tempo de ausência, Eneida e Dalcídio Jurandir estão novamente em Belém. Atendendo a um pedido nosso, a repórter literária do "Diário de Notícias" entrevistou o autor de "Chove nos Campos de Cachoeira". A entrevista em apreço tem o seguinte teor:*

P.: - Diga alguma coisa acerca da sua obra.

R.: - Toda a série de romances que estou escrevendo não é nada mais que o desenvolvimento dos temas apresentados ou esboçados em **Chove nos Campos de Cachoeira**, aparecido em 1941. O plano da obra, já no sexto volume, e que deve ir ao décimo, é um pensamento da mocidade. A primeira versão do **Chove**, foi feita aos 20 anos. **Marajó** é dos meus 24 anos,



reescrito aos 32, no Rio. **Três Casas e um Rio**, foi escrito em 1948, sete anos sem editor. Em 1955, foi levado por Jorge Amado e José de Barros Martins que aceitou o risco e me estimulou o trabalho, agora ininterrupto. Fiz ainda, entre 1951 e 55, o **Linha do Parque**, sobre trabalhadores da cidade do Rio Grande, onde passei umas temporadas, livro de muito amor e de uma definição, em termos de romance, que marca, sem rodeios e creio que por todo o resto de minha vida, o meu pensamento como escritor e como romancista.

Há mais de trinta anos venho recolhendo e acumulando experiências, anotações, estudos, pesquisas, memória, imaginação, indagações, o faço ou não faço, no sentido da obra. Para um escritor pobre, que vende de mil a mil e quinhentos exemplares, sem vagares e ócios remunerados, o esforço é, às vezes de desesperar, de tão braçal e tão de graça, mas é ao mesmo tempo uma delícia, uma forma de satisfeita revolta contra o magro

ganha-pão, o sucesso fácil, a cômoda posição pessoal no mundinho. Olho as pastas, os cadernos, o que tenho ainda a escrever, a domar, é um barro bruto, a quantidade... Desanima. E logo fascina, dá o êxtase da concepção, de que falava Balzac, volto à febre, numa espécie de severa e minuciosa ambição de levantar um quadro, pelo menos extenso, de trinta anos de Amazônia. Será um simples desperdício de papel e tinta, de-

salentos e entusiasmos?

P.: - Qual é a principal característica dos seus romances?

R.: - Todo o meu romance, distribuído, provavelmente, em dez volumes, é feito, na maior parte, da gente mais comum, tão ninguém, que é a minha criaturada grande de Marajó, Ilhas e Baixo Amazonas. Fui menino de beira rio, do meio do campo, banhista de igarapé. Passei a juventude no subúrbio de Belém, entre amigos nunca intelectuais, nos salões da melhor linhagem que são os clubinhos de gente da estiva e das oficinas, das doces e brabinhas namoradas que trabalhavam na fábrica. Um bom intelectual de cátedra alta diria: são as minhas essências, as minhas virtualidades. Eu digo tão simplesmente: é a farinha d'água dos meus beijos. Sou também um daqueles de lá, sempre fiz questão de não arrear pé de minha origem e para isso, ou melhor para enterrar o pé mais fundo, pude encontrar uma



filiação ideológica que me dá razão. A esse pessoal miúdo que tento representar nos meus romances chamo de aristocracia de pé no chão. Modéstia à parte, se me coube um pouco de dom de escrever, se não fiquei por lá, pescador, barqueiro, vendedor de açaí no Ver-O-Pêso, o pequenino dom eu recebo como um privilégio, uma responsabilidade assumida, para servir aos meus irmãos de igapó e barranca. As poucas letras que me cabem, faço tudo por merecê-las. Entre aquela gente tão sem nada, uma pequena vocação literária é coisa que não se bota fora. Se posso tocar viola, mesmo de orelha, tenho de tocar com ou por eles. A eles tenho de dar conta do encargo, bem ou mal, mas com obstinação e verdade. O leitor que acaso folheie um dos meus romances pode logo achar o estilo capenga, a técnica mal arranjada, a fantasia curta, mas tenha um pouco de paciência, preste atenção e escute um soluço, um canto, um gesto daquelas criaturas que procuro interpretar com os pobres recursos de que disponho.

P.: - Como V. encara o seu último romance?

R.: - Em **Belém do Grão Pará**, está muito do meu

Juracy Reis Costa  
Mário Couto  
Francisco Paulo Mendes  
Lourival Damasceno  
Dalcídio Jurandir

primeiro amor à cidade e um pouco do meu desprezo e enjôo pelo que a enfeia. Utilizei uma expressão, vamos dizer, mais limpa, mais aproximadamente adequada ao que tento comunicar. Em **Passagem dos Inocentes** e **O Ginasião**, aquele na editora e este já na metade, falo de Belém suburbana e assim são cidades diferentes que vejo e imagino.

P.: - Seus romances sempre tomam partido?

R.: - Meus romances, sim, tomam partido. Sou um pequeno escritor de estritos, indeclináveis compromissos. Estes me dão a liberdade, que necessito, pois ser um pouco livre é muito difícil. Minha visão do mundo não se inspira em Deus nem no Demônio nem no Bem nem no Mal mas nesta vida em movimento, em que há classes sociais em luta, etc. Precária e miúda, seja, mas me ajuda a ver homens, coisas, paixões, a História, o quotidiano anônimo, o efêmero, a eternidade ... Eu me prezo, honradamente, de ser bem parcial. Objetividade, imparcialidade olímpica, não há, o Olímpo se mete em tudo, é só ver na Iliada, ou na Bíblia, os deuses são da política mais rasgado, do puro campanário. Todo romancista não é político? O exemplo vem dos grandes, sempre interessados pelo homem, pelo destino da sociedade, por mil e uma formas ou aspectos da conduta do indivíduo e do homem. Três grandes políticos no romance moderno sob a absoluta aparência de artistas puros ou puros visionários: Kafka, Joyce, Faulkner. Já é uma banalidade dizer que é impossível a um romancista, o menos intemporal dos artistas, fugir do seu tempo. E intemporal, uma palavra, ela existe? Atrás dela pode estar o paraíso, ou a evasão mais sem vergonha. O que existe é o homem, terrestre, temporal como diabo, e está aí a sua grandeza.